

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

ACADEMIA REAL MILITAR (1810)

PEDRO GABRIEL DE AZEVEDO BRUM

**O REFLEXO DO CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO
DOS GRUPOS TERRORISTAS**

Resende

2019

PEDRO GABRIEL DE AZEVEDO BRUM

**O REFLEXO DO CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO
DOS GRUPOS TERRORISTAS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Bacharel em Ciências Militares, sob a orientação do Cel Inf Claudio Magni Rodrigues.

Resende

2019

PEDRO GABRIEL DE AZEVEDO BRUM

**O REFLEXO DO CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO
DOS GRUPOS TERRORISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Academia Militar das Agulhas Negras, como
requisito parcial para a conclusão do Curso de
Bacharel em Ciências Militares, sob a orientação
do Cel Inf Cláudio Magni Rodrigues.

Cláudio Magni Rodrigues – Cel

Orientador

Walfredo Bento Ferreira – Maj

Avaliador

Marcos de Mendonça Silva - Maj

Avaliador

Resende

2019

DEDICATÓRIA

À minha mãe por ter sempre me apoiado, não ter me deixado desistir nos momentos mais conturbados e sempre ter acreditado em mim nesses anos de formação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, à minha família, namorada e amigos que sempre acreditaram no meu potencial durante esse anos longe de casa na busca pela realização do meu sonho, e não mediram esforços para me ajudar a chegar nessa etapa da minha vida.

RESUMO

Brum, Pedro Gabriel de Azevedo. O Reflexo do Conflito Árabe-Israelense na formação e atuação dos grupos terroristas. Resende: AMAN, 2019. Monografia.

O objetivo desta pesquisa é avaliar as origens e o histórico das disputas entre judeus e palestinos ao longo dos séculos e como as consequências desse conflito não resolvido até os dias atuais são motivo para os extremistas palestinos buscarem, pelo terrorismo, atingir os seus objetivos. Por meio da análise da bibliografia sobre o assunto, verifica-se uma gama de grupos terroristas que têm como objetivo principal a destruição do Estado de Israel, e outros que mesmo não colocando este objetivo como prioridade, também lutam contra a presença dos judeus no Oriente Médio.

ABSTRACT

Brum, Pedro Gabriel de Azevedo. The Reflection of the Arab-Israeli Conflict in the formation and performance of terrorists groups. Resende: AMAN, 2019. Monography.

The objective of this reserach is to evaluate the origins and history of the fights between Jewish and Palestines over the past centuries and how the consequences of this unsolved conflict to the presente day is the reason for Palestinian extremists to seek, through terrorism to achieve their goals. Analyzing the biography on the subject, there is a range of terrorist groups whose main objective is the destruction of State of Israel, and others who, while not setting this objective as a priority, also struggle against the presence of the Jews in the Middle East.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO.....	10
2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema.....	10
2.2 Referencial Metodológico e procedimentos.....	11
3 ORIGEM DO CONFLITO ÁRABE – ISRAELENSE.....	13
3.1 As disputas territoriais pós criação do Estado de Israel.....	14
3.2 Os árabes em Israel.....	17
4 TERRORISMO: DEFINIÇÃO.....	19
5 A MOTIVAÇÃO PARA O TERRORISMO CONTRA ISRAEL.....	20
5.1 Al Fatah.....	20
5.2 Organização para a Libertação da Palestina.....	21
5.3 Frente Popular para a Libertação da Palestina.....	22
5.4 Frente Democrática para a Libertação da Palestina.....	23
5.5 Organização da Jihad Islâmica.....	23
5.6 Hamas.....	24
5.6 Hezbollah	25
5.7 Al Qaeda.....	26
6 ANÁLISE DOS DADOS	27
7 CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, o tema terrorismo tem protagonizado os jornais ao redor do mundo. Diversos ataques de pequena magnitude são recorrentes nas ruas das capitais dos países de primeiro mundo, deixando a população com as suas liberdades individuais ameaçadas pelas barbáries dos extremistas.

Seu estudo é relevante para o meio militar, visto que torna-se função dos exércitos lutar contra esses grupos e achar meios de prevenção e consequente proteção da população inocente, a mais afetada pelas ações extremistas dessas organizações.

O terrorismo é um tema amplo e tem suas características particulares em cada local do globo em que é presente. Esta pesquisa tem seu foco no terrorismo contra o estado de Israel, país que ainda não conseguiu estabelecer um acordo com os palestinos e desde sua criação em 1948, vive em conflito com os seus vizinhos árabes e sofre atentados de diversos grupos que reivindicam território ou então são contra a sua existência como um Estado.

O objetivo da monografia é mostrar os reflexos dos conflitos entre árabes e israelenses na formação e atuação dos grupos terroristas, mostrando as ideologias e objetivos de cada um dos grupos que se mostram contra Israel, e explicando como a derrota dos árabes, em 1949, causa até os dias de hoje episódios de violência, medo e terror.

A presente monografia está assim estruturada:

No primeiro capítulo aborda-se os antecedentes à formação do Estado de Israel e origens do conflito árabe-israelense, mostrando que a região da Palestina não sabe o que é viver um período de paz e consenso e passa por constantes discussões e conflitos desde os tempos bíblicos, que continuaram no Império Otomano, nas grandes guerras, com a criação do Estado de Israel, seguindo até hoje. Em sequência é abordado acerca das guerras da segunda metade do século XX que ocorreram em Israel e sobre os árabes que atualmente vivem em Israel em considerável número, mas não possuem os mesmos direitos e deveres atribuídos ao resto da população.

No segundo capítulo é falado sobre a definição de terrorismo, e o que o difere de um movimento nacionalista em busca da independência de um grupo frente à dominação de um outro país.

No terceiro capítulo, fala-se a opinião dos estudiosos em relação aos requisitos para a motivação e posterior formação de grupos e execução de atentados terroristas, associando-os com a situação de elementos que fazem atentados contra o Estado de Israel.

No quarto e último capítulo, é pormenorizado cada grupo e organização terrorista que coloca na sua pauta de objetivos ataques contra Israel, seja para reivindicar parte do território, ou para sua total eliminação.

Por fim faz-se uma análise dos dados obtidos na pesquisa, trazendo as conclusões acerca do tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O tema de pesquisa insere-se na linha de pesquisa bibliográfica e na área de estudo de História Geral.

2.1 Revisão da literatura e antecedentes do problema

Buscando identificar o que de mais relevante existe sobre o tema foram pesquisados alguns autores que abordam sobre o conflito árabe-israelense, a criação do Estado de Israel e o histórico dos diversos grupos terroristas dos séculos XX e XXI.

Para Ney Vilela os líderes políticos israelenses, palestinos e norte-americanos trataram a questão palestina como algo superficial e de fácil resolução, que ao colocar os dois lados em uma mesa e através da conversação e acordos seria possível estabelecer um ambiente pacífico e de convivência mútua entre os dois povos. Contudo, a história nos mostra as consequências de achar que tal conflito poderia ser rapidamente resolvido. O autor aborda em sua obra as condições humilhantes dos refugiados palestinos que viram na Organização para a Libertação da Palestina (OLP) uma esperança para voltarem a terra que acreditavam que lhes pertencia.

Tony Allan em sua obra identifica Yasser Arafat e conseqüentemente a OLP como vetor dos grupos terroristas que atuam na Palestina: “ Em 1959, um de seus líderes, Yasser Arafat, apregoava que os palestinos deveriam confiar apenas neles mesmos, caso quisessem libertar seu país, e que suas armas seriam o terrorismo e a guerrilha” (ALLAN, 1990, p.109).

David Whittaker evidencia a questão dos refugiados após a Guerra da Independência de Israel, mostrando que eles serviriam de mão de obra para os grupos extremistas:

Os xiitas, que constituíam a maioria da população no sul do país, foram as principais vítimas da guerra israelense-palestina depois de 1970 e da ocupação israelense depois de 1978. Em consequência, aderiram de imediato à luta armada contra os inimigos de fora. (WHITTAKER, 2005, p.95).

Para Peter Demant o extremismo religioso se mostra como forte motivação em grupos terroristas como o Hamas: “Abandonando a visão bastante favorável dos judeus que tradicionalmente vigorava no islã, o Hamas descreve o “judaísmo mundial” como um câncer que asfixia o islã.” (DEMANT, 2004, p.276).

Entre os autores que dão ao conflito um aspecto eminentemente político, destaca-se a jornalista e escritora brasileira, de origens judaicas, Helenas Salem para quem “no momento em que árabes matam árabes (no Líbano), em que judeus discordam de judeus fica mais do que evidente que a questão não é árabe ou judia, muçulmana ou israelita, mas de fato política”

(SALEM, 1982, p.20). Segundo a autora, a convivência de forma mais ou menos pacífica entre os povos “primos” de origem semita, seja na Península Ibérica, no período medieval, ou na Palestina há mais de um século, evidencia que a questão palestina apresenta causas políticas, sociais e econômicas precisas.

Márcio Scalercio aborda que a complicação do conflito reside no fato de que é extremamente difícil dizer quem chegou na região da Palestina primeiro:

Em nossa concepção, uma das formas de complicar totalmente o problema reside na opção de tentar colocar a disputa no campo da religião e, pior ainda, na arena da legitimidade histórica. Como é possível uma resposta cristalina para a seguinte pergunta: qual foi o primeiro grupo de semitas que, conduzindo seus camelos e rebanhos de cabras, resolveu se instalar na Palestina? Sabemos, graças aos textos dos antigos, revelados em tabuinhas de argila da Mesopotâmia, e pelos relatos verificados nos papiros e muros dos templos egípcios, que toda a área do Oriente Médio foi marcada, durante milênios, pelo incessante trânsito das caravanas dos diferentes povos de língua semítica que, brandindo seus cajados e tocando seus rebanhos, instalavam-se em diferentes lugares, uns sobre os outros, completamente misturados, armando suas tendas e deixando seus animais a pastar. (SCALERCIO, 2003, p.19).

2.2 Referencial metodológico e procedimentos

Visando a confirmar o que é apresentado pela literatura foi formulado o seguinte problema: Como o conflito árabe-israelense influenciou na formação e na atuação dos grupos terroristas?

Partindo da hipótese de que os grupos terroristas do Oriente Médio colocam os países do chamado “Mundo Ocidental” como seus inimigos, a presente monografia buscou primeiramente os grupos com relação direta a criação do Estado de Israel em 1948 e posteriormente aqueles que surgiram em outros contextos mas colocam na sua pauta de adversário o país dos judeus.

Buscando operacionalizar a pesquisa foram adotados os procedimentos metodológicos descritos abaixo.

Primeiramente, foram reunidas obras acerca do conflito árabe-israelense que revelaram as suas causas e o seu desenrolar ao longo do século XX. Constatou-se por este estudo dois fatos importantes: o enorme número de refugiados causado pela guerra e a dificuldade de se conseguir um desfecho e uma situação pacífica no local.

Com essa base foi então realizado uma busca em obras acerca dos diversos grupos terroristas e foi constatado a existência tanto de grupos que nasceram do remorso dos refugiados

do conflito árabe-israelense como grupos que têm outras origens porém atuam buscando também a expulsão dos judeus da Palestina.

De posse de diferentes obras e buscando complementos em sites e artigos que tratavam sobre o assunto desta pesquisa, o objetivo foi filtrar nesses o mais relevante para a pesquisa, buscando associações concretas entre o conflito e os terroristas.

3 Origem do conflito Árabe-Israelense

A região da Palestina é historicamente disputada e é sinônimo de conquista para os povos ao seu redor. Desde os tempos bíblicos até o mundo contemporâneo passa por conflitos devido a diferentes motivos que são interesses de pessoas que não conseguem conviver e dividir esse território. É considerada berço da fé das três maiores religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Está estrategicamente localizada no centro do mundo árabe: entre os maiores produtores de petróleo, provê uma passagem terrestre entre o continente asiático e africano e está próxima do canal de Suez (que liga o Mar Vermelho ao Mar Mediterrâneo). Portanto, fica evidente que o local tem motivos econômicos, políticos, sociais e religiosos para viver até a atualidade um cenário de guerra constante.

As origens dessa guerra histórica remontam passagens bíblicas que citam a Palestina como a terra prometida por Deus a Abraão: “Porque toda essa terra que vês, te hei de dar a ti, e a tua descendência, para sempre” (Gênesis 13:15), sendo esse o argumento dos judeus para desejarem a ocupação total da região. Já os Palestinos alegam que a promessa de Deus os incluía também, e, além disso, se baseiam no direito à ocupação, que aconteceu por 13 séculos. “Os judeus dirão que saíram à força e voltaram, os árabes responderão que jamais se moveram da Palestina” (SCALERCIO, 2003, p. 20). A inviabilidade de estabelecer uma decisão justa diante de dois lados opostos de uma mesma terra, fez com que as armas prevalecessem nessa disputa por posições. O questionamento a quem pertence a região fica sem uma resposta precisa até hoje e provoca a dúvida nos pesquisadores acerca do assunto:

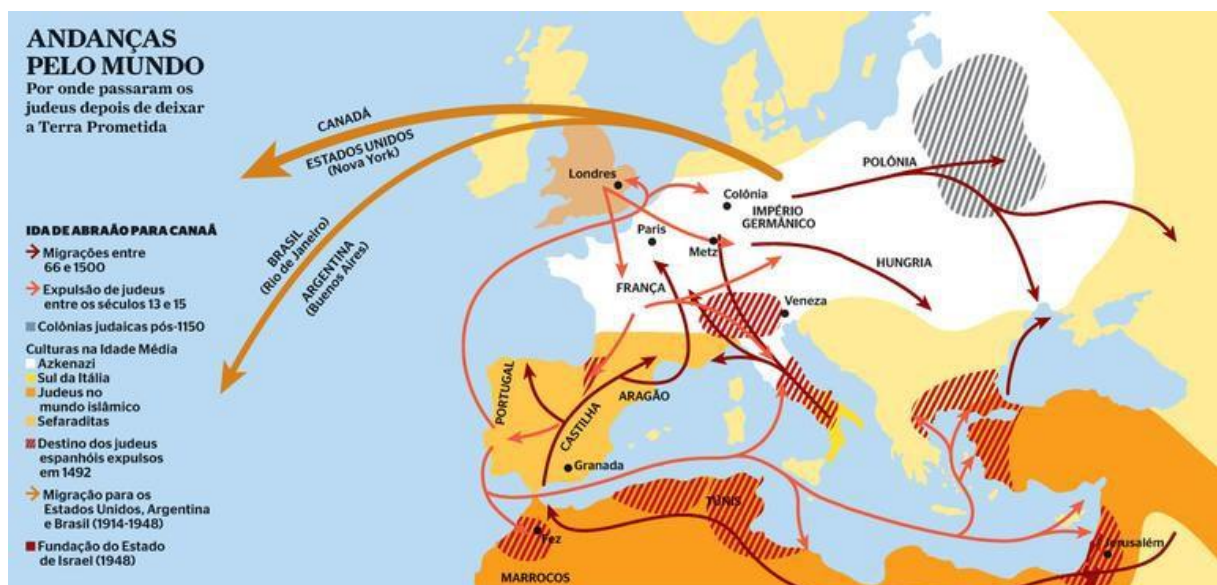
Mas então, de quem é a terra prometida afinal? Os judeus se fixaram primeiro em Jerusalém, antiga cidade de Canaã, há pelo menos 4 mil anos. A invasão egípcia os obrigou ao exílio, de onde retornaram sob a liderança de Moisés. Durante a dominação romana, eles se dispersaram pelo mundo – a chamada diáspora. Em 635 d.C, com a expansão islâmica, os muçulmanos chegaram à região e lá permanecem até hoje. Somente em 1917, com a Declaração Balfour, e posteriormente após a Segunda Guerra Mundial, os judeus de todo o mundo começaram a retornar ao Oriente Médio. (Spohr, 2002, p.3).

No fim do século XIX e início do século XX iniciou-se um fluxo migratório de judeus da Europa para o Oriente Médio devido às consequências da Revolução Russa e o fim do Império Austro – Húngaro. Esse movimento aumentou consideravelmente com a ascensão do nazismo, gerando atritos com os árabes no local.

Desde o início do século XX, a hostilidade entre os árabes da Palestina e os judeus que chegavam à região se manifestava de forma progressiva, seja pela exclusão dos árabes no trabalho e nas atividades organizadas pelos judeus, seja devido ao desequilíbrio demográfico criado pelo aumento acelerado da população judia na região. (VISENTINI, 2014, n.p).

O término da Segunda Guerra Mundial obrigou os judeus a procurarem um local para se estabelecer fazendo com que eles ocupassem a Palestina ao fim do conflito que os perseguiu durante anos. Para Salem, a Inglaterra utilizou a velha tática de “dividir para reinar”, apoiando a imigração de judeus para a Palestina e reduzindo esse mesmo apoio quando a tensão entre árabes e sionistas atingia níveis elevados (SALEM, 1982, p.110). As barbáries cometidas por Adolf Hitler nos campos de concentração provocaram nas autoridades internacionais a ideia de criar uma região pertencente aos judeus, assim, em 1948 a ONU programou a divisão do território entre judeus e palestinos. Nesse contexto, Belém e Jerusalém seriam consideradas territórios internacionais, por serem locais sagrados para os muçulmanos, judeus e cristãos, contudo, os árabes não concordaram com a determinação das Nações Unidas. Uma grande ambiguidade do movimento sionista citada por Márcio Scalércio, foi o fato de seus líderes priorizarem os contatos com os dominadores britânicos na Palestina, ignorando o povo que aí vivia mesmo com o alerta de que as populações árabes aí radicadas não aceitariam passivamente ceder espaço para judeus recém-chegados (SCALÉRCIO, 2003, p.82).

Fotografia 1 – Rotas dos judeus ao longo dos séculos



Fonte: Eduardo Szklarz, 2017.

3.1 As disputas territoriais pós criação do Estado de Israel

Em Novembro de 1947 a ONU apresentou o plano de partilha da Palestina que foi votado por 33 votos a favor e 13 votos contra, sendo que Israel teria 14.000 km² e o Estado Árabe –Palestino 11.000 km² e Jerusalém seria internacionalizada por ser considerada sagrada. Os árabes consideraram injusta a divisão da Palestina e foram de encontro recusando o plano

apresentado pelas Nações Unidas. “Diziam que o destino dos muçulmanos seria construir uma grande pátria que abrigasse todos os povos islâmicos do planeta. E que, por isso, não era lógico criar um pequeno país árabe, na Palestina. (VILELA, 2004, p.124).”

No dia 14 de maio de 1948 foi fundado o Estado de Israel, apenas um dia após o seu surgimento, este Estado foi invadido por Egito, Síria, Jordânia e Iraque, dando início à Guerra da Independência, que teve fim em 1949 e acabou expulsando 750 mil palestinos, os quais passaram a situação de refugiados. A partilha que antes propunha que Israel tivesse aproximadamente 56% do território, devido à rejeição dos árabes-palestinos a esse plano e a consequente guerra que se instaurou, acabou com o Estado Judeu ficando com 80% da Palestina em 1949. O sucesso israelense se deve principalmente aos sionistas terem se preparado para essa guerra e terem sido financiados maciçamente pelos americanos. “A organização sionista adotou duas estratégias durante a guerra: ocupar o máximo de territórios possível, para redesenhar as fronteiras determinadas para o Estado Judeu pela ONU, e executar uma “limpeza” étnica no território.” (GOMES, 2001, p.100).

“Em 1950, a Jordânia anexou o território residual, ainda em mãos palestinas (a atual Cisjordânia), enquanto que o Egito anexou a faixa de Gaza, que abrigava enorme contingente de refugiados.” (VISENTINI, 2014, n.p).

Em 1954, assume o regime egípcio Gamal Abdel Nasser, homem que se identificava com os mais humildes e pregava a resistência contra as potências do ocidente e Israel. Ciente de que seu aparato militar não era suficiente para uma luta contra o recém criado Estado judeu, Nasser buscou apoio soviético na procura de armamentos. Temendo que a hegemonia israelense fosse ameaçada devido aos novos armamentos que os egípcios iam receber, Ben Gurion, o primeiro ministro de Israel, decide mandar tropas para ocupar posições no Sinai. Respondendo a essa ação Nasser decide fechar o acesso ao Golfo de Acaba para os navios de Israel. Respondendo ao bloqueio de Nasser Israel invade o Egito e inicia os ataques dando início a Guerra do Suez. Contra a superioridade militar israelense o Egito sofre uma derrota, perdendo o Sinai, 150 tanques e dezenas de milhares de soldados (VILELA).

Em 1967 foi deflagrada a Guerra dos Seis Dias, Israel ocupou a Faixa de Gaza, a Península do Sinai, a Cisjordânia e as Colinas de Golã. Diante do novo conflito, novos palestinos fugiram, sendo dessa vez mais 500 mil, que também passaram a ser refugiados.

Somando derrotas consecutivas, os árabes concluíram que através da guerra convencional não conseguiriam obter sucesso contra o poderoso Estado de Israel, que contava

com um aparato militar completo e homens vitoriosos e experientes na Guerra, além de uma estrutura para desenvolver cada vez mais armamentos e melhores tecnologias, tudo isso, devido ao financiamento norte americano no local.

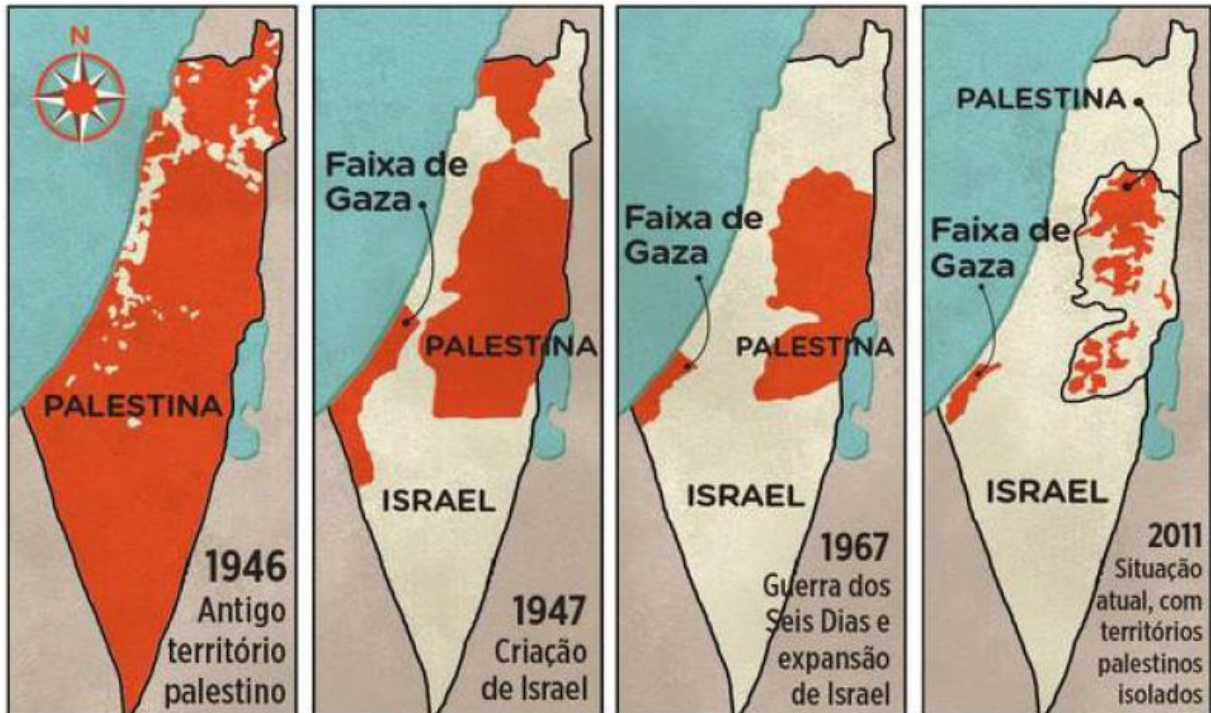
Sem chances reais de vitórias por meio da guerra regular, começaram a se formar lideranças palestinas em grupos que atuavam por meio de guerrilhas, com o objetivo de travar o expansionismo israelense. “Dentro de Israel absolutamente tudo era alvo: fazendas, reservatórios de água, pontes, civis, prédios públicos, tudo.” (SCALERCIO, 2003, p.174). Existiam árabes que acreditavam que esta não era a maneira correta e possível de conseguir retomar os territórios ocupados pelos judeus, contudo o descontentamento nos campos de refugiados criava um grande número de homens dispostos a concordar e participar dessas guerrilhas. “Muitos, muitos mesmo, preferiam esperar que Israel cumprisse a Resolução 242 da ONU, que ordenava a retirada das forças israelenses dos territórios ocupados. Todavia, nos campos de refugiados, a adesão à guerrilha era expressiva.” (SCALERCIO, 2003, p.175).

A Guerra do Yom Kippur foi uma tentativa árabe falha de reaver a Península do Sinai, a qual só foi devolvida após a assinatura de um acordo de paz em 1979. Em 06 de outubro de 1973 os judeus comemoravam o feriado do Yom Kippur, portanto soldados foram dispensados do serviço para celebrar a data junto aos seus familiares, não acreditando que poderiam ser atacados neste dia religioso para o seu país. Os egípcios se aproveitaram do erro de avaliação dos seus inimigos e iniciaram os ataques nesta data, pegando os judeus desprevenidos e provocando diversas baixas a eles, iniciando a guerra com algumas vitórias contra o poderoso exército israelense. Contudo, a sorte dos egípcios durou pouco tempo:

No dia 14 de outubro, uma semana depois do início dos combates, aconteceu, no meio do deserto do Sinai, a segunda maior batalha de tanques da história da humanidade (inferior apenas à batalha de Kursk, entre alemães e soviéticos, na Segunda Guerra Mundial). Atacados por terra e ar, os egípcios perderam 264 tanques; Israel perdeu 10! Moshe Dayan recuperou o sangue-frio e ordenou um movimento ousado, levando tropas israelenses para o lado oeste do Canal de Suez. Como resultado, o Terceiro Exército egípcio, com 45 mil soldados e 250 tanques, ficou cercado e isolado em pleno deserto do Sinai. (VILELA, 2004, p.151).

A disputa territorial histórica continua sem grandes esperanças de uma solução pacífica no século XXI, grupos árabes derrotados pela supremacia bélica israelense se uniram em busca da reconquista dos territórios perdidos, no entanto, alguns desses grupos não buscam soluções pacíficas, e sim, ações terroristas visando exterminar os judeus e reconquistar o território sagrado.

Fotografia 2: Evolução da área de conflito



Fonte: Juliana Bezerra, 2018.

3.2 Os árabes em Israel

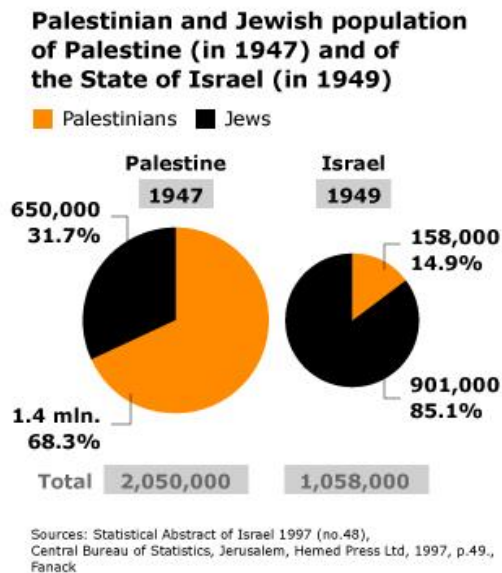
A população total de Israel dentro das fronteiras internacionalmente reconhecidas é de 4,3 milhões, dentre estes, cerca de 600 mil são árabes. Já fora das áreas reconhecidas internacionalmente somam-se mais de 1,4 milhão de árabes. Estes não têm cidadania israelense, não usufruem de direitos ou exercem deveres dos cidadãos judeus de Israel, assim, o povo árabe de Israel acaba por estar mais próximo dos inimigos do seu país, do que dos seus conterrâneos judeus.

Após a derrota árabe em 1947, a maioria dos refugiados árabes se instalou na Jordânia, na Síria, no Líbano e em Gaza, onde as Nações Unidas instalaram campos de refugiados, nos quais originou-se um grupo denominado Organização para a Libertação da Palestina (OLP). De acordo com Amnon Kapeliouk, contraponto do movimento sionista é o movimento nacionalista palestino no qual se destaca a figura de Yasser Arafat como núcleo principal da OLP (Organização para a Libertação de Palestina) (KAPELIOUK,2004,p.116). Seus membros manifestavam a frustração de um povo decepcionado com o tratamento recebido dos países amigos: a segregação em campos de refugiados. (ALLAN,1990,p.110). Yasser Arafat, um dos principais líderes do movimento, pregava que os palestinos não deveriam confiar em ninguém

além deles mesmos e o mecanismo para sua libertação deveria ser o terrorismo e a guerrilha. No entanto, para Márcio Scalercio, a OLP foi criada pelos governos de países árabes na tentativa de combater o movimento palestino que já se encontrava segmentado em diferentes entidades.

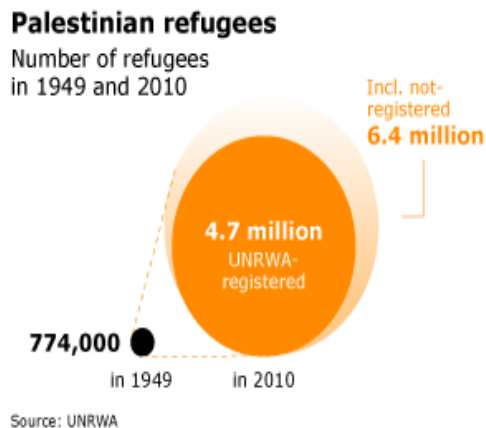
Em 1974, a ONU reconheceu a OLP como representante do povo palestino, passando a ter o direito de participar de reuniões da Assembleia Geral acerca da questão da Palestina. Contudo, os mais radicais do movimento não concordaram com os meios pacíficos para a resolução do conflito, e, assim, tornaram-se mão de obra para as organizações terroristas em seus atentados.

Fotografia 3: Comparação população palestina e judaica em 1947 e em 1949.



Fonte: Hanack, 2018.

Fotografia 4: Número de refugiados palestinos em 1949 e em 2010.



Fonte: Hanack, 2018.

4 Terrorismo: definição

Segundo o FBI (Federal Bureau of Investigation) o terrorismo é definido como: “ o uso ilegal da força ou violência contra pessoas ou propriedades para intimidar ou coagir um governo, uma população civil, ou qualquer segmento dela, em apoio a objetivos políticos ou sociais” (WHITTAKER,2005,p.18). Existem diversos autores e outras agências governamentais de vários países que formaram definições sobre o terrorismo, contudo, o ponto em comum entre todas elas é de que são ataques e ameaças com objetivos principalmente políticos e ideológicos.

Durante a segunda guerra mundial, diversos grupos que lutavam contra a dominação colonialista dos países europeus eram intitulados de terroristas, pois faziam revoltas violentas para atingir seus objetivos. “Países tão diversos como Israel, Quênia, Chipre e Argélia, por exemplo, devem suas independências, pelo menos em parte, aos movimentos políticos nacionalistas que empregaram o terrorismo contra as potências colonizadoras.” (WHITTAKER, 2005, p.22). Amparado nisso, surge a ideia de que lutar contra a dominação de outro país não seria terrorismo e sim uma luta pela liberdade. Yasser Arafat usou desse conceito para justificar seus atos à frente da OLP, dizendo que seria um revolucionário contra a dominação Israelense no território palestino.

Os terroristas ao pegar em armas, bombas, causar o medo, a destruição, mortes de inocentes, entre outras barbáries, acreditam que a sua causa é justa e que esse é o caminho para atingirem seus objetivos.

Condenados perpetuamente à defensiva e forçados a pegar em armas para proteger a si mesmos ou aos seus correligionários, reais ou imaginários, os terroristas se vêem como combatentes relutantes levados pelo desespero – e privados de alternativa viável – à violência contra um Estado repressivo, um rival étnico ou grupo nacionalista predador, ou contra uma conjuntura internacional que não responde às suas aspirações. (WHITTAKER, 2005, p.25).

5 A motivação para o terrorismo contra Israel

Marta Crenshaw prega que para a violência acontecer necessitam-se condições para criar uma base e posteriormente fatores permissivos que estimulem a motivação.

Em 1949 os palestinos foram expulsos de Israel e tornaram-se refugiados, formando um subgrupo com o sentimento de discriminação, que reclama e deseja voltar a habitar um território que considera sua casa . Pode-se considerar essa a primeira condição para os atos terroristas que vieram posteriormente e que se perpetuam até os dias atuais. “ Desenvolve-se um movimento social para dar resposta a essas reclamações e conseguir, seja direitos iguais seja um Estado separado.” (WHITTAKER, 2005, p.17).

Os palestinos somaram derrota após a criação do Estado de Israel. Procuravam ajuda para voltar à Palestina, contudo, apenas conseguiam apoio de outros árabes que não possuíam um grupo ou organização suficientemente forte para apoiá-los. Assim, cria-se uma segunda condição de motivação para o terrorismo, pois esse grupo não consegue ter força militar ou política para mostrar sua insatisfação. Tal condição é refletida quando começam surgir organizações como a OLP (1964) e o Hamas (1987).

“A última categoria de fatores situacionais envolve o conceito de um evento precipitante que precede imediatamente a irrupção do terrorismo.” (WHITTAKER, 2005, p.39). Quaisquer ações e medidas de um governo que vão de encontro aos objetivos desses grupos podem ser catalisadoras de atentados terroristas. No caso de Israel, pode-se falar sobre a superioridade militar que sempre foi a pronta resposta a qualquer tentativa de reação dos palestinos, que vão posteriormente buscar suas vontades na violência extremista.

5.1 Al Fatah

Em 1950 os palestinos refugiados somavam aproximadamente 957 mil. Esse grande número de pessoas vivendo em condições precárias, com a vontade e esperança de voltarem para o território que antes ocupavam, fez com que começassem se organizar em grupos, na tentativa de dar organização e propósitos específicos à sua luta. Entre 1956 e 1959 destacou-se o surgimento do Al-Fatah liderada por Yasser Arafat, que reunindo os refugiados palestinos iria buscar através da luta armada os seus objetivos.” De perfil anti-imperialista e antissionista, a

organização liderada por Yasser Arafat visava criar um Estado palestino laico e democrático, como condição preliminar à realização da unidade árabe através da luta armada.”(VISENTINI, 2014, n.p).

Após a morte de Arafat, fundador da Al Fatah, Faruk Kadumi assumiu a liderança do movimento, sendo este último, na visão dos analistas, um militante linha dura. Para Kadumi, a "resistência é o caminho para chegar a um acordo político".

Começou como um grupo radical e reivindicou diversos atentados como os ocorridos em 2002 em Hadera e Jerusalém e em 2004 em Tel Aviv. Hoje, é um grande grupo político dentro da OLP que busca seus interesses pelo viés político com relações subentendidas com outras organizações militantes.

5.2 Organização para a Libertação da Palestina

No início de 1960 surge a OLP, inicialmente como um instrumento de disseminação dos objetivos de Nasser, presidente do Egito. Concomitantemente o Al Fatah estava ganhando popularidade e seguidores através das suas ações militares contra Israel. As derrotas do Al Fatah fortaleceram a ideia da luta armada contra Israel ser o único meio de conseguir voltar para a Palestina, fazendo com que Yasser Arafat assumisse a liderança da OLP.

Arafat percebeu a necessidade de chamar a atenção para sua organização. Não dispondo de recursos financeiros para isso, opta por ações terroristas para alcançar seu objetivo e aparecer na mídia internacional. O primeiro ocorreu em 1968 quando um grupo atacou um avião de empresa israelense em Atenas ,e em fevereiro de 1970 com a explosão de um avião da Swissair com destino a Tel Aviv (Ney Vilela).

Com a atenção internacional voltada para sua organização, Arafat decide então buscar através do meio diplomático os seus objetivos. Apresentou uma proposta de criação de um estado árabe dentro da Palestina mantendo o Estado judeu, elevando a OLP a um patamar no qual reconhecia Israel como um Estado legítimo, permitindo que Arafat passasse a frequentar a tribuna da ONU. Essa decisão provocou a separação de grupos mais radicais dentro da OLP, que não concordavam com um acordo pacífico entre árabes, palestinos e judeus.

A OLP, que há muito tempo abandonou a opção terrorista, continua a ser vista, por muitos, como uma entidade que só usa a violência. Embora Arafat persista numa tentativa de diálogo baseada na ideia de reconhecimento mútuo, continua rotulado como um terrorista que sonha com a destruição do estado de Israel (VILELA, 2004, p.159).

A OLP, e suas tentativas de negociação com Israel, é um reflexo da dificuldade que esses dois grupos têm de conviver. Apesar de existir a intenção de grupos mais moderados dentro em ambos os lados de coexistirem e dividirem o território da Palestina, os mais radicais não aceitam essa posição e veem o outro como um inimigo que deve ser destruído e eliminado a qualquer custo.

5.3 Frente Popular para a Libertação da Palestina

Dentro dos subgrupos que compunham a Organização para a Libertação da Palestina surgiu em 1967 a figura da Frente Popular para a Libertação da Palestina. Guiado por ideais marxista-leninistas, surgiu como uma ala da organização com tendências de esquerda, liderada por Wadi Haddad e George Habash.

Seus ideais eram extremamente radicais, acreditavam que a guerra da libertação era guiada por uma ideologia revolucionária, nunca aceitaram a existência do Estado de Israel e por isso se desvincularam da OLP após esta ter feito acordos diplomáticos para a partilha do território.

Os ataques terroristas executados pelo grupo tinham a intenção de chamar a atenção da mídia internacional para a questão palestina. Ficaram famosos por sequestros de aviões comerciais, como o israelense sequestrado em 1968, a ocupação de um hotel fazendo oitenta hóspedes de refém em 1970, o sequestro e ameaça de quatro jornalistas em 1981 entre outros.

Em 2000 Habash renunciou ao cargo por motivos de saúde e foi substituído por Abu Ali Mustafa, o qual continuou com os ataques contra Israel, contudo, sua liderança no grupo durou pouco pois em Agosto de 2001 ele foi morto em uma operação militar israelense. No seu lugar entrou Ahmad Sadat que liderou o assassinato do Ministro de Turismo israelense, Rehavam Ze'evi. Devido a este ocorrido Israel e seus aliados pressionaram as autoridades palestinas, fazendo com que Sadat fosse preso.

Atualmente a FPLP luta para que os refugiados palestinos voltem para o território que consideram a sua terra e conseqüentemente se estabeleça um Estado Palestino.

Isso, por sua vez, são passos ao longo do caminho para derrotar o movimento sionista, liberando toda a Palestina, e estabelecendo um estado palestino democrático onde todos cidadãos vão desfrutar de direitos iguais, livres de discriminação de raça, sexo ou crença religiosa. Além disso, a FPLP procura o estabelecimento de uma sociedade democrática socialista. (Livraria Virtual Judaica).

5.4 Frente Democrática para a Libertação da Palestina

A Frente Democrática para a Libertação da Palestina é uma pequena organização associada à OLP que surgiu por meio da separação de um grupo da Frente Popular para a Libertação da Palestina em 1969, por motivos pessoais e de rivalidades ideológicas. Liderada por Nayif Hawatmeh e com orientações políticas de esquerda baseadas na doutrina marxista-leninista, seu objetivo principal era fazer a Palestina um Estado socialista livre do movimento sionista e do imperialismo de outros países. O grupo não concordava com as tentativas da OLP de realizar tratados diplomáticos para resolver a questão palestina, criticando a liderança da organização

Conhecido pelo seu radicalismo e ações de extrema violência, a FDLP objetivava a destruição de Israel através da insurreição armada, e seus ataques terroristas envolviam carros bombas e explosivos, causando diversas mortes de civis sendo o seu ataque mais famoso o de 1974 em uma escola, que culminou com a morte de 25 adolescentes israelenses.

Atualmente o grupo não mantém uma estrutura fixa em um único local, tendo seus membros espalhados por diferentes países, tanto no exercício de funções políticas como em locais para treinamento, planejamento e execução de ações terroristas. “Hawatmeh e outros membros principais da FDLP estão na Síria, mas a organização tem representantes políticos importantes nos territórios sob administração da Autoridade Palestina e mantém uma pequena ala terrorista operacional na Faixa de Gaza.” (Livraria Virtual Judaica).

5.5 Organização da Jihad Islâmica

Surgiu no início dos anos 1980s no contexto da guerra civil libanesa com o objetivo de expulsar todos os norte-americanos do Líbano e para isso realizaram diversos sequestros e ataques com bombas que culminaram com a morte de centenas de pessoas. Com o passar dos anos a organização cresceu e começou a criar núcleos em diversos países árabes, se tornando uma das organizações terroristas mais perigosas do mundo devido a sua descentralização e inclusive tendo membros que agem por conta própria, sem coordenação prévia.

Colocaram como meta a criação de um império islâmico, e para isso, o ponto inicial seria a destruição do Estado de Israel e a única maneira para isso seria a utilização da violência e do terror. Seus líderes afirmavam que a Palestina não deveria sequer ter pequenos espaços habitados por judeus, muito menos ser governada por eles. A organização é contra as ideias de grupos menos radicais que buscam estratégias diplomáticas e políticas para resolver a questão

palestina. Para o grupo terrorista, somente a destruição de Israel e expulsão dos judeus vai solucionar o problema.

A organização conta com vários jovens árabes que são doutrinados de acordo com os ensinamentos dos líderes, fazendo eles crerem em um comando divino pelo qual devem dar tudo e inclusive as suas vidas por o que eles chamam de a “guerra contra os infiéis”. Isso eleva os atos terroristas do grupo a um nível muito mais perigoso pois o grupo se utiliza de homens bomba que buscam em seus ataques o máximo de baixas, sem se importar em morrerem junto.

Atualmente conta com grande descentralização ao redor do mundo devido aos vários homens que executam ataques simples em grandes cidades de países ocidentais e colocam a justificativa na “guerra contra os infiéis”, além de outros grupos em países árabes que levam o seu nome mas não tem relação direta. Essa situação somado a complexidade e o sigilo do grupo faz dele uma das maiores preocupações à defesa interna de Israel e de seus países aliados.

5.6 Hamas

As raízes do Hamas remontam ao grupo Irmandade Muçulmana, que surgiu no Egito após o final da Primeira Guerra Mundial, em um contexto do mundo árabe fragmentado e dominado por potências imperialistas.

Em 1945 a primeira filial da irmandade muçulmana é aberta em Jerusalém, e posteriormente outras foram abertas na palestina, com o foco em atividades sociais e culturais, diferente da frente que estava estabelecida no Egito.

Com a formação do estado de Israel e a conseqüente guerra de 1948, a irmandade muçulmana não conseguiu exercer grande influência na guerra e acabou por deixar de ser um movimento organizado no local.

Em 1949 a irmandade muçulmana foi banida do Egito, e, de 1952 a 1954, período no qual a irmandade muçulmana e o governo do Egito coexistiram em paz, a irmandade muçulmana instalou a sua última sede na Faixa de Gaza, atraindo vários jovens palestinos refugiados da Guerra.

Em 1967 Israel conquista a Cisjordânia e a Faixa de Gaza. Esses dois territórios passam a estar sob o comando de um único governo possibilitando que os grupos islâmicos que se encontravam nessa região, antes descentralizados, pudessem agora se unir e operar juntos. No final da década de 1960 foi criada, então, uma organização conjunta unindo as atividades islâmicas da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

A política de Israel facilitou para a Irmandade Muçulmana o estabelecimento de conexões nas terras ocupadas por Israel (Cisjordânia e Faixa de Gaza) e fez com que a década de 1970 fosse marcada pela formação de laços entre essa organização e os cidadãos árabes de Israel.

A fundação do Hamas data 1987, contudo, como explica Mishal em sua obra e de acordo com a própria narrativa histórica do grupo, se desenvolveu em 4 fases:

1. 1967 – 1976: Constituiu sua base na Faixa de Gaza fazendo frente ao governo de Israel
2. 1976 – 1981: Expansão geográfica
3. 1981 – 1987: Influência política e preparação para luta armada
4. 1987: Fundação do Hamas como braço armado da Irmandade Muçulmana na Palestina e o lançamento de uma Jihad contínua.(MISHAL, 2006, p.18).

Atualmente a organização visa formar um estado palestino independente e prega a luta armada contra Israel. As notícias de atentados e barbáries cometidas pelo Hamas são recorrentes.

Em 2003 um terrorista do Hamas entrou em um ônibus urbano com explosivos presos ao seu corpo em um colete suicida e deixou 16 mortos e quase 100 feridos. A organização terrorista já lançou e continua lançando diversos foguetes em Israel, deixando civis inocentes feridos. O grupo utiliza recorrentemente crianças nos seus atentados: o Instituto de Justiça de Israel estima que mais de 17.000 já foram utilizadas na luta armada da organização.

5.6 Hezbollah

Durante séculos os cristãos eram a classe social dominante no Líbano em questões econômicas e políticas, colocando assim os muçulmanos e principalmente os xiitas em segundo plano na sociedade libanesa. O poder político era distribuído proporcionalmente dentro de partidos religiosos sendo os cristãos a maioria com maior poder no parlamento e, em segundo lugar, os muçulmanos. A comunidade xiita vivia concentrada no sul do país, local onde as condições de vida eram piores, e viviam privados de saneamento e água potável, diferente dos cristãos sediados no capital, os quais usufruíam de uma estrutura melhorada.

O xiita libanês, passou décadas evoluindo e se transformando em uma comunidade com recursos financeiros e influência social, contudo, não obteve sucesso no tocante à influência política.

Em 1975 essas desigualdades sociais causaram o início de uma Guerra civil no Líbano, conflito que colocou o país em um estado caótico; somado a isso, as forças islâmicas do Líbano que lutavam contra o cristãos se juntaram aos refugiados do conflito árabe-israelense, e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) fixou sua base no sul do estado fazendo com que Israel invadisse o local em uma operação militar.

Durante a guerra árabe-israelense os xiitas, que eram a maioria da população do sul do Líbano, foram as principais vítimas locais desse conflito, e da ocupação israelense em 1978, partindo assim para a luta armada contra o estado recém formado.

Entre 1970 e 1980, todos os grupos libaneses colocaram a culpa das tensões internas nos homens que não eram descendentes diretos de libaneses e sobre o Ocidente, em especial Israel.

Em 1982 foi formado o Hezbollah, com o objetivo de formar um Líbano independente e islâmico, com forte oposição ao Ocidente, em especial aos Estados Unidos e Israel. “Foi formado em junho de 1982, no Líbano, como ala militante de um grupo religioso xiita para proporcionar um front ativista em protesto contra a marginalização social e política.” (WHITTAKER, 2005, p.91).

Em 1992, o líder do Hezbollah foi assassinado por Israel. Hassan Nasrallah assumiu o comando da organização, transformando o grupo em um partido político, com cadeiras no Parlamento libanês.

Em 2000, as forças militares israelenses se retiraram do Líbano, possibilitando que o Hezbollah conseguisse reorganizar-se, tornando-se uma organização estruturada e bem dividida, estando hoje mais forte e sendo uma ameaça constante à Nação israelense, realizando tanto ataques a militares, como ataques terroristas a civis inocentes.

O braço armado ostensivo, a força de guerrilha, apta, inclusive, a ações limitadas de conquista e manutenção de acidentes capitais no terreno; o braço clandestino, a força subterrânea, responsável pelas ações de subversão, sabotagem e de terrorismo seletivo e indiscriminado; e o seu braço logístico, a força de sustentação, com cadeias de suprimento muito bem estruturadas. (General Álvaro Pinheiro).

5.7 Al Qaeda

Suas origens remontam à época da Guerra Fria, quando o Afeganistão foi invadido pela Rússia, e surgiu a ideia de recrutar jovens muçulmanos para formar um grupo armado para combater a invasão. Um desses jovens recrutados era o milionário Osama Bin Laden. Esse grupo, com a retirada das tropas soviéticas e o fim do conflito, transformou-se na Al Qaeda. “Canalizaram vultuosas quantias para criar uma infra-estrutura que serviria como base para o

seu jihad contra Israel, os Estados Unidos e contra os governos muçulmanos apóstatas.” (WHITTAKER, 2005, p.76).

Apesar dessa organização terrorista não ter suas origens ligadas diretamente ao conflito árabe-israelense, por este conflito expulsar os árabes e marcar a vitória e o expansionismo israelense, a Al Qaeda coloca Israel como um de seus principais inimigos. Além disso esse estado tem um forte alinhamento com o seu inimigo número um: os EUA. Bin Laden enquanto vivo afirmava que a causa da sua organização é a mobilização do mundo muçulmano como resistência aos norte-americanos, e portanto, o apoio aos palestinos sempre será essencial para o cumprimento de seus objetivos.

Em 2006 Israel sofreu um ataque de mísseis o qual Al Zarqawi assumiu responsabilidade e disse que foi ordenado diretamente por Bin Laden, afirmando que este seria o início de um ataque ao inimigo sionista no coração de sua existência. Membros do alto escalão da organização colocam Israel como seu inimigo e objetivo de destruição.

Ayman Al Zawahiri afirmou em Março de 2007 que “A Palestina é uma terra do Islã, e é dever individual de todo muçulmano liberta-lá”. “Abu Layth Al Libi também afirmou que “as preparações que nós [Al Qaeda] fizemos e toda luta pela causa de Deus que nós executamos no Leste e Oeste é uma preparação e treinamento para combater os Judeus na Al Aqsa Mosque [em Jerusalém].”(BLANCHARD, 2007, p.14).

6 ANÁLISE DOS DADOS

Sem dúvidas a questão palestina mostra dois lados extremos que possuem imensa dificuldade em resolver a situação através de ações diplomáticas. Apesar de tentativas de acordos para reaver a partilha do território e já passados 70 anos da criação do Estado de Israel, a Palestina ainda é palco de cenas de guerra e terror.

Do lado judeu tem-se um país desenvolvido e com recursos financeiros providos pelos norte-americanos, onde existem pessoas que estariam dispostas a partilhar o seu território, contudo, as ações mais extremas de grupos terroristas que ou foram formados por refugiados das guerras árabes-israelenses do século XX ou contam a participação desses, fazem com que os habitantes locais criem um sentimento de repulsa e apoiem as ações militares israelenses.

Do lado dos palestinos têm-se um povo com a esperança de que um dia possam voltar para a terra que antes habitaram, e dentro dele muitos entenderam que não possuem condições de travar uma guerra convencional contra um estado que é militarmente financiado por uma superpotência mundial (EUA), e acreditam que o meio diplomático é a melhor maneira de

alcançar seus objetivos. Contudo, existem outros indivíduos que apesar de compartilhar da crença de que é impossível uma vitória em uma guerra contra Israel, acreditam que o melhor meio são intervenções terroristas contra os judeus.

Em 1993 foi assinado por israelenses representados por Yitzhak Rabin e palestinos representados por Yasser Arafat o Acordo de Oslo, no qual Israel reconheceria a existência da Palestina e a OLP iria ocupar territórios gradualmente. Foi uma esperança de um acerto diplomático entre os dois lados, contudo, foi assinado em um contexto para cumprir necessidades imediatas dos dois lados em um período que ambos estavam frágeis. Ney Vilela afirma que com o passar do tempo o povo israelense começou sentir que dava uma série de concessões unilaterais, sem que os palestinos depusessem suas armas, e os palestinos sentiam que o processo parecia dar aos “invasores” judeus o direito de se estabelecerem nas terras sagradas de Jerusalém.

O fracasso de uma tentativa diplomática mostrou a distância de uma paz completa para esses dois povos, e evidenciando que vive-se no local um ciclo de ataques militares brutos dos israelenses que é repudiado com ações terroristas, impossibilitando o sucesso de quem procura achar uma solução através da conversação e tratados para essa questão. A estratégia da “terra arrasada” adotada pelo antigo primeiro ministro israelense (Ariel Sharon) é exemplo da dificuldade de uma negociação entre os dois lados:

Subsidiariamente, a estratégia de Sharon força Yasser Arafat, líder palestino, a procurar apoio financeiro onde quer que ele exista. Arafat bem que tentou auxílio ocidental, mas as grandes nações não gostam de gastar palavras: não gastam dólares. Sem alternativa, a Autoridade Palestina precisa do dinheiro que é enviado por governos ditatoriais árabes e grupos terroristas islâmicos. Ao receber dinheiro dessas fontes, Arafat fica impossibilitado de reagir às intervenções de grupos terroristas como a Jihad Islâmica, Mártires de Al Aqsa ou Hesbollah. E quanto mais atentados terroristas ocorrem, mais Ariel Sharon se legitima diante de seu eleitorado. O governo de Israel habilita-se, assim, a realizar atos de terrorismo de Estado. (VILELA, 2004, p.190).

7 CONCLUSÃO

O objetivo principal da pesquisa era de buscar as relações entre o conflito entre árabes e israelenses e o desenvolvimento e atuação de grupos terroristas do Oriente Médio. Foram analisados aqueles que tinham em sua pauta de objetivos atacar os israelenses seja para tomar território deles seja para sua destruição total.

A pesquisa mostra que o conflito no local tem origem em séculos passados e envolve questões diversas que motivam personagens e grupos diferentes a entrar na disputa e se utilizar de ações extremas para conquistar suas metas. Olhando superficialmente, as guerras e disputas no local tem caráter eminentemente religioso, contudo, devido a palestina ser uma região estrategicamente localizada no oriente médio (próxima ao canal de Suez, entre os principais produtores de petróleo do mundo e passagem terrestre entre o continente asiático e africano) ela provoca o interesse nas grandes potências mundiais fazendo com que esse conflito disputado na linha de frente por homens com diferentes crenças seja sustentado por países e outros grupos que possuem segundas intenções no local.

Após a consulta e pesquisa em autores que dissertaram sobre o assunto relacionados a essa monografia pode-se observar que diversos grupos terroristas ao redor do mundo declaram-se contrários a ocupação israelense na Palestina. Contudo, nesta pesquisa foram elucidados aqueles que tiveram suas origens no conflito árabe israelense e portanto tem como seu objetivo principal o ataque ao país dos judeus, ou então os que além de colocar Israel na sua pauta de inimigos, executaram ataques contra este.

Pode-se concluir com essa pesquisa a gravidade da situação na Palestina. Local que por curtos períodos de sua história viveu tempos de paz e que a criação do Estado de Israel em 1948 provocou uma intensificação dos conflitos locais. Os árabes palestinos quando habitavam a chamada “terra santa” em sua totalidade repudiavam o movimento migratório de judeus para o local, intensificando o sentimento de aversão de homens que já eram perseguidos na Europa. Quando os judeus ocuparam a maior parte do território nos anos seguintes a fundação do Estado de Israel, ocorre a expulsão de milhares de palestinos do local. Infere-se dessa situação em que dois povos desejam a mesma terra mas não conseguem dividi-la e conviver mutuamente, que existe uma sucessão de erros e exageros por todos os envolvidos nessa disputa.

Talvez se ambos os lados envolvidos nessa secular disputa em algum momento da história tivessem dividido igualmente e aprendido a conviver mutuamente com regras pré-

estabelecidas, milhares de inocentes não teriam morrido tragicamente. Contudo, percebe-se com essa pesquisa que os grupos extremistas e o Exército Israelense não são os únicos interessados nessa disputa, que por trás deles existem países com segundas intenções no local e que financiam essa guerra há anos.

REFERÊNCIAS

DEZ PERGUNTAS PARA ENTENDER O CONFLITO ENTRE ISRAELENSES E PALESTINOS. Disponível em: <

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151015_gaza_entenda_atualiza_cc

> Acesso em 21 fev. 2018.

QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS GRUPOS ARMADOS PALESTINOS. Disponível em: <

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-principais-grupos-armados-palestinos/> >

Acesso em: 15 dez. 2018.

O CONFLITO ENTRE ISRAEL E PALESTINA. Disponível em: <

<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/o-conflito-entre-israel-palestina.htm> >.

Acesso em 27 fev. 2019.

ORIENTE MÉDIO – ENTENDA O CONFLITO ÁRABE ISRAELENSE. Disponível em: <

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/oriente-medio-entenda-o-conflito-arabe-israelense.htm> >

Acesso em 27 fev. 2019

DIÁSPORA DESCUBRA COMO OS JUDEUS SE ESPALHARAM PELO MUNDO.

Disponível em: < <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/diaspora-descubra-como-judeus-se-espalharam-pelo-mundo-743351.phtml> >

Acesso em 13 mar. 2019.

CONFLITO ISRAEL PALESTINA. Disponível em: <

<https://www.todamateria.com.br/conflito-israel-palestina/> >

Acesso em 13 mar. 2019.

PALESTINIAN REFUGEES. Disponível em: < <https://fanack.com/arab-palestinian-israeli-conflict/palestinian-refugees/> >

Acesso em 15 abr. 2019.

POPULAR FRONT FOR THE LIBERATION OF PALESTINE. Disponível em: <

<https://www.jewishvirtuallibrary.org/popular-front-for-the-liberation-of-palestine-pflp> >

Acesso em 15 abr. 2019.

ISLAMIC JIHAD ORGANIZATION. Disponível em: <

<https://www.trackingterrorism.org/group/islamic-jihad-organization-lebanon-islamic-jihad-ijo>

> Acesso em 16 abr. 2019.

THE ISLAMIC JIHAD: THE IMPERATIVE OF HOLY WAR. Disponível em: <

<http://www.jcpa.org/jl/saa31.htm> >

Acesso em 17 abr.2019.

PALESTINIAN TERROR GROUPS: DEMOCRATIC FRONT FOR THE LIBERATION OF PALESTINE. Disponível em: < <https://www.jewishvirtuallibrary.org/democratic-front-for-the-liberation-of-palestine-dflp> > Acesso em 16 abr. 2019.

DEMOCRATIC FRONT FOR THE LIBERATION OF PALESTINE. Disponível em: < <https://www.globalsecurity.org/military/world/para/dflp.htm> > Acesso em 16 abr.2019.

DEMOCRATIC FRONT FOR THE LIBERATION OF PALESTINE. Disponível em: < <https://www.britannica.com/topic/Democratic-Front-for-the-Liberation-of-Palestine> > Acesso em 15 abr. 2019.

VILELA, Ney. Irmãos Inimigos: Judeus e Palestinos lutam por Jerusalém. 2ª Ed. São Paulo: Rima, 2004.

SCALERCIO, Márcio. Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a viver. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

DEMANT, Peter. O Mundo Muçulmano. São Paulo: Contexto, 2004.

WHITTAKER, David J. Terrorismo: um retrato. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005.

LAQUEUR, WALTER. Voices Of Terror: Manifestos, Writings and Manuals of Al Qaeda, Hamas, and other terrorists from around the world and throughout the ages. Nova York: Reed Prees, 2004.

MORAES, PAULO ROBERTO. Geografia Geral e do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Habra, 2005.

ALLAN, TONY. Nações do mundo: Israel. Rio de Janeiro: Cidade Cultural, 1990.

HOUAT, Stephan Fernandes. A criação do Estado de Israel e um Estado único como solução dos conflitos. Belém: CESUPA, 2006.

SPOHR, Eduardo. O conflito árabe-israelense – ideologia, nacionalismo e cidadania no Oriente Médio. Comunicação Social – Jornalismo. Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio de Janeiro – Departamento De Comunicação Social. Rio de Janeiro: 2002.

GOMES, Aura Rejane. A questão da palestina e a fundação de Israel. 2001. 142 f. Dissertação de Mestrado – USP, São Paulo: 2001.

VISENTINI, Paulo. O Grande Oriente Médio: da descolonização à primavera árabe. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

SALEM, Helena. O Que é Questão Palestina. 6ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

KAPELIOUK, Amnon. Arafat: O irreductível. 1ªEd. São Paulo: Planeta, 2004.

MISHAL, Shaul. THE Palestinian Hamas : Vision, Violence and Coexistence. 1ª Ed. Nova Iorque: Columbia, 2006.

PINHEIRO, Álvaro. Israel, Hezbollah e o conflito assimétrico.

CRS REPORT FOR CONGRESS. Al Qaeda: Statments and Evolving Ideology. Washington: 2007.

